



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

UM MERGULHO NA MEMÓRIA DE UMA POETA GOIANA: LEODEGÁRIA DE JESUS

A DIP IN A GOIANA POETRESS' MEMORY: LEODEGÁRIA DE JESUS

Walter Gonçalves Campos¹ (UEG Cora Coralina)

Resumo:

Com o presente artigo, pretende-se fazer uma análise de poemas de Leodegária de Jesus – a primeira poeta goiana negra a escrever e publicar em Goiás, estado onde nasceu e viveu parte de sua infância e juventude. Para esta exposição, teremos como suportes teóricos pesquisadores, como Bosi (1977), Halbwachs (1990), Teles (1983), França (1998), Denófrío (2019), Siqueira (2020) e Rezende (2018). Para a análise, ao mergulhar em sua poesia, a partir das memórias recônditas da poeta, serão selecionados poemas, subtraídos de suas únicas obras, *Corôa de Lyrios* (1906) e *Orchideas* (1928), verificando as temáticas do espaço e da infância. O intuito é examinar como a memória é resgatada em alguns poemas, destacando-se elementos de sua infância, lembranças do passado, as cidades onde morou e os lugares por onde passou e a presença dos elementos naturais da fauna e da flora locais. Considerar-se-ão, ainda, aspectos formais de sua poesia e os conteúdos voltados para a estética romântica, que são abordados nos versos leodegarianos.

Palavras-chave: Memória. Infância. Espaço. Poesia. Leodegária de Jesus.

Abstract:

In this essay, it is intended to do an analysis of Leodegária de Jesus' poems – the first black and goiana poetress to write and publish in Goiás, state where she was born and lived part of his childhood and youth. To this exposition, we will have as theoretical supports researchers as Bosi (1977), Halbwachs (1990), Teles (1983), França (1998), Denófrío (2019), Siqueira (2020) and Rezende (2018). To the analysis, immersing in her poetry, through out the recondite memories of the poetress, it will be sorted poems, extracted by her only works, *Corôa de Lyrios* (1906) e *Orchideas* (1928), in order to verify the themes of space and childhood. The objective is to examine how memory is rescued in some of her poems, highlighting elements of her childhood, past regards, the cities where she lived and the places where she went by and also the presence of natural elements of local flora and fauna. It will be still considered the formal and content aspects, turned to the romantic aesthetic, that are in Leodegária's verses.

Key words: Memory. Childhood. Space. Poetry. Leodegária de Jesus.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: waltergcampos59@gmail.com.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Introdução

O presente artigo tem por pretensão apresentar o tema da memória, destacando sua presença nos poemas “Jatahy” e “Supremo Anhelos”, de Leodegária de Jesus, considerando os aspectos do espaço e da infância. Para tal trabalho, fez-se uma sondagem da vida e atividades desenvolvidas pela poeta negra e de formação clássica, em suas várias peregrinações, pois que acompanhava a sua família em várias mudanças feitas dentro do próprio estado de Goiás e, depois, para outros estados, exigidas pela função que exercia seu pai na política da época.

Também se objetiva neste trabalho, por meio das análises dos referidos poemas, subtraídos de suas duas obras *Corôa de Lyrios* (1906) e *Orchideas* (1928), respectivamente, destacar em ambos textos, considerando conteúdo e forma, os aspectos representativos da memória, do espaço e da infância.

No primeiro momento do texto, será feito um recorte sobre as experiências e vivências de Leodegária de Jesus. No que diz respeito à vida e à trajetória da poeta, utilizaremos como referencial teórico os pesquisadores Darcy França Denófrio (2019), Basileu Toledo França (1998), Tânia Ferreira Rezende (2018), Ebe Maria de Lima Siqueira (2020) e Gilberto Mendonça Teles (1983) e outros, como suporte à apresentação da poeta e suas obras.

Para as análises dos poemas “Jatahy” e “Supremo Anhelos”, que serão apresentadas na segunda parte deste trabalho, abordaremos os temas – memória, espaço e infância –, apoiados em teóricos, como Yi Fu Tuan (1980), Maurice Halbwachs (1990), Alfredo Bosi (1985) e outros de relevante importância aos aspectos apontados.

Ao examinar como a memória é resgatada nos poemas citados, destacaremos sua infância, lembranças de sua vida, em especial, nas cidades onde morou e os lugares por onde passou, bem como a presença dos elementos naturais da fauna e da flora locais ali presentes. Intenciona-se, portanto, com este trabalho, apontar o valor literário de Leodegária de Jesus para as letras goianas e também destacá-la no cenário nacional, mesmo que tardiamente.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Das “Orchideas” e “Lyrios”, o passarinho voou

Nas últimas décadas do século XIX, marcadas, internamente no Brasil, por movimentos políticos e sociais, ocorrem no país a Abolição da Escravatura (1888) e, seguidamente, a Proclamação da República (1889). Nesse contexto, em 08 de agosto de 1889, nasce Leodegária Brazília de Jesus, poeta negra que mais tarde deixará para as letras goianas seu legado entre os cânones do estado de Goiás. (FRANÇA, 1998)

Leodegária de Jesus, cujo nome vem de São Leodegário e o sobrenome “de Jesus”, do pai, José Antônio de Jesus, homem pobre, negro, órfão e religioso, criado desde criança em um seminário. Sua mãe, Ana Isolina Furtado Lima de Jesus, filha de médico e de descendência portuguesa. Segundo Denófrío (2019), a poeta nascera filha de pais músicos e intelectuais, pois que fundaram em Caldas Novas uma escola de primeiras letras. Depois, eles mudam-se para Jataí para cuidarem de uma escola na cidade. Nessa época, Leodegária de Jesus contava com 2 meses de idade.

A autora de *Corôa de Lyrios* cresceu e se formou poeta, tornando-se, de acordo com França (1998, p. 63), a aluna mais brilhante que aquela escolinha primária teve, pois foi ali que ela descobriu suas primeiras leituras e o encantamento que as palavras provocavam nela. “[...] Sem sombra de dúvidas, a ex-aluna mais brilhante e famosa dessa escolinha primária, pois foi ali que aprendeu a ler em tenra idade, descortinando então os seus olhos o mundo encantado das palavras”.

Consoante França (1998) e Denófrío (2019), Leodegária de Jesus sempre foi uma menina delicada e sensível, que cresceu obediente e comportada. Contudo, como toda criança, não deixou de brincar e fazer suas traquinagens, “[...] vivia montada nos últimos galhos das árvores de fruto, o que lhe valeu nessa época o apelido de ‘Passarinho’” (FRANÇA, 1998, p. 66), tornando essa designação seu pseudônimo, quando começou a escrever poesias aos 14 anos.

Antes desse percurso poético, como a vida é uma caixa de surpresas, aos 7 anos de idade, nossa poeta, autora de *Orchideas*, sofreu sua primeira perda – muda-se de sua cidade Jataí para Rio Verde, para onde seu pai foi transferido para dirigir o jornal *Oeste de Goiás*. Esse acontecimento causou-lhe dor e sofrimento, pois teve que deixar para trás amigos e o local, aos



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

quais era muito apegada. (REZENDE, 2018). Esses transtornos de dor e saudade, mais tarde, ela expressaria em seu poema “Jatahy”. “Foi nessa terra querida,/ Nessa campina formosa,/ Que s’escoou descuidosa,/ A infância minha florida” (JESUS, 2019, p. 30). Segundo França (1998) e Denófrío (2019), Leodegária de Jesus demonstrava uma sensibilidade ímpar, vivendo com intensidade as alegrias e as tristezas.

Em 1898, Leodegária mudou-se novamente de cidade, agora, para Vila Boa, atual Cidade de Goiás, em virtude da posse de seu pai como deputado estadual. Mais uma vez, Leodegária teve que deixar aqueles de que mais gostava, porém adaptou-se rapidamente à nova realidade. Matriculada no Colégio Sant’Ana, dirigido por freiras francesas, obteve erudição e rigor na educação oferecida pelas dominicanas. Ali, fez amizade com aquela que foi sua grande confidente, Ana Lins dos Guimarães Peixoto (Cora Coralina).

Outra dor vivida pela poeta veio quando quis entrar para o Lyceu para cursar os “preparatórios”, mas foi barrada por conta das perseguições políticas as quais seu pai sofria. Com a denúncia pela discriminação, Leodegária foi examinada por uma banca especial nomeada pelo Governo Federal e o seu desempenho foi excelente, conforme narram França (1998) e Denófrío (2019). Mesmo assim, por algumas adversidades não pode frequentar a referida instituição, por ser “um espaço geo-histórico marcado e, por isso, reservado para poucos e alguns” (REZENDE, 2018, p. 142). Segundo Tânia Rezende (2018), como consolação a poeta Leodegária de Jesus foi convidada a fazer parte do Grêmio Literário Goiano, passando a frequentar os “espaços geo-históricos” menos reservados naquela sociedade.

As dores e as decepções experienciadas por Leodegária de Jesus não pararam por aí. A mais marcante delas, a amorosa, para aquela menina aconteceu aos 14 anos, quando conheceu aquele que seria o grande e único amor de sua vida, Djalma Guimarães. “Ele tinha, ao conhecê-la, 17 anos e ela 14. O rompimento forçado veio aos 15 anos dela” (DENÓFRIO, 2019, p.35). Diante disso, Leodegária de Jesus “viveu intensamente a vida cultural da cidade, as decepções e as dores pelas quais passou, e viveu e sofreu intensamente o único amor que teve na vida” (REZENDE, 2018, p. 142).

Sua experiência de vida possibilitou a ela uma “lírica romântico-parnasiana” em *Côroa de Lyrios*, obra escrita entre os 15 e 16 anos e publicada, em 1906, quando tinha 17 anos



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

(DENÓFRIO, 2019). Leodegária de Jesus, segundo Rezende (2018, p. 142-143), “era a primeira mulher em Goiás a publicar um livro literário. A dor do amor, entrecruzada com a decepção sócio-política, deu a ela, de cabeça erguida, um lugar de destaque na sociedade goiana [...], ocupado somente por homens”.

Com a cegueira do pai e as dificuldades familiares, os deslocamentos foram constantes: de Goiás para Catalão, de Catalão para Uberaba, não chegando ao destino, ficaram em Araguari. De lá, partiram para Uberabinha (Uberlândia-MG nos dias atuais) e daí para Rio Claro-SP e Belo Horizonte-MG (REZENDE, 2018). Todas essas idas e vindas renderam à poeta de *Corôa de Lyrios*, conforme afirma a professora Tânia Rezende (2018, p. 143), “um período de vivência e de dor e de silêncio poético”. Por causa de tantas intempéries, foi somente em 1928, aos 39 anos, que Leodegária de Jesus viria a publicar seu segundo livro, *Orchideas*.

Aqui vale perguntar o que não quer calar: onde foi e como que Leodegária de Jesus “partejou” suas “escrevivências”²? Já que de acordo com a fortuna crítica a respeito de sua poética, “seus tristes versos” são de expressividade romântica e estrutura parnasiana e, acrescentamos, ainda, forte musicalidade ao sabor simbolista (REZENDE, 2018). Assim, podemos considerar nosso poeta, foco deste trabalho, uma escritora que mantém uma base romântica com traços parnasianos e simbolistas.

A sua primeira obra *Corôa de Lyrios* (1906), publicada em meio a tantas rupturas, advindas de movimentos artísticos internos e externos, como as vanguardas nascidas no país³, inspiradas nas europeias, continua como uma representação romântica no universo literário goiano. Consoante Proença Filho (1984, p. 175), “assim, mesmo um texto da antiguidade clássica ou da Idade Média, ou dos nossos dias, pode apresentar elementos que revelem um temperamento romântico”.

2 Termo utilizado por Conceição Evaristo (2006), em sua obra *Becos da Memória*. O vocábulo tem como significado “a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo”. (Disponível em <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>. Acesso em 30 de novembro de 2021).

3 Como vanguardas “brasileiras” entendem-se os movimentos surgidos nas primeiras décadas do século XX, próximos à Semana de Arte Moderna, como Antropofagia, Pau-Brasil, Verde-amarelismo etc.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Leodegária de Jesus, como mencionado anteriormente, escreve poesias no âmbito do conteúdo com temáticas românticas que nos mostram influência da literatura local, como Luís Ramos de Oliveira Couto, e de cânones da literatura nacional, como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e outros. De acordo com Denófrio (2019), a obra *Corôa de Lyrios* (1906) constitui-se de 30 poemas de inspiração e temáticas românticas, sendo que 18 são sonetos de versos, em sua maioria, decassílabos.

De sua segunda obra, *Orchideas* (1928), escrita seis anos após a Semana de Arte Moderna (1922), Leodegária de Jesus, agora mais madura e experiente, persiste nas formas e temáticas parnasianas e românticas, respectivamente. *Orchideas* contém 70 poemas, sendo 52 sonetos com predominância de versos decassílabos, cujos temas circundam o universo romântico. (DENÓFRIO, 2019). Essa questão da expressão romântica e forma parnasiana presente nos poemas leodegarianos, segundo confirma Rezende (2018, p. 147-148), não poderia ser de outra maneira, “não haveria como a poetisa se exprimir de forma diferente, estando onde estava⁴, considerando-se que a sociedade goiana da época era muito conservadora”.

Para Gilberto Mendonça Teles (1983), no tocante à segunda obra *Orchidea*, a poeta Leodegária de Jesus apresenta uma desobediência formal ao compor sonetos naquele momento, revelando ser uma parnasiana mais próxima de Alberto de Oliveira por conta do teor descritivo, paisagístico. Na verdade, os diferentes críticos que escreveram e opinaram a respeito da obra da poeta, num primeiro momento, foram exclusivamente homens, como já era esperado naquele tempo. “A recepção tratou a poetisa iniciante senão com desprezo, pelo menos com um grande descaso” (SIQUEIRA, 2020, p. 64).

Sendo assim, é possível observar na poesia de Leodegária de Jesus o mesmo ecletismo, ela não representa o convencional, por trazer uma lírica que enfrenta a imposição literária vigente em sua época, que anunciava o Modernismo. O que se aponta como o diferente e como “defasagem cultural”, consoante Ebe Maria de Lima Siqueira (2020, p. 64), era compreendido

4 A professora Tânia Rezende explica em nota que, no “período em que Leodegária escreveu a maior parte do segundo livro, *Orchidea*, e na data em que o publicou, ela e sua família se encontravam morando fora de Goiás, em Minas Gerais”. (REZENDE, 2018, p. 148).



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

como erros, “entendemos que os erros aqui, não se tratavam de escrever bem ou mal, mas sim, dentre eles, o erro imperdoável de querer escrever sendo uma mulher e negra”.

Vê-se aqui que as professoras Tânia Rezende (2018) e Ebe Siqueira (2020) respondem o porquê de Leodegária de Jesus estar incluída no ecletismo goiano. Nossa poeta passarinho de asas partidas e coração chagado de dor por toda sua trajetória de vida, é e deve ser considerada uma escritora de grande importância para os estudos realizados na Literatura Goiana devido ter construído “um monumento lírico” (DENÓFRIO, 2019), deixando-nos um grande legado nas letras goianas.

“Jatahy” e “Supremo Anhele”: fragmentos de memória, espaço e infância

Neste tópico, analisaremos os poemas “Jatahy” e “Supremo Anhele”⁵. O primeiro encontra-se na obra de Leodegária de Jesus, *Corôa de Lyrios*, de 1906, que foi escrito à rua das Violas (atualmente Senador Caiado) na Cidade de Goiás, primeira capital do Estado. E o segundo, em sua obra, *Orchidea*, de 1928, publicada seis anos após a Semana de Arte Moderna, onde a poeta encontrava-se em Minas Gerais.

Tem-se como objetivo para as análises dos referidos poemas, observar como se dão as características temáticas presentes na poética leodegariana que se relacionam, principalmente, às estéticas romântica, parnasiana e simbolista, enfatizando os aspectos de memória, espaço e infância.

Nos poemas de Leodegária de Jesus, em relação à memória, tem-se o retorno à infância como subterfúgio às dores atuais. Lembrar o período enquanto era criança traz alento e sossego ao coração. Segundo Darcy Denófrio (2019, p. 33), “a infância, sempre visualizada como um momento paradisíaco do passado, é outra forma de regresso que podemos surpreender em Leodegária [...]”. Vejamos o poema “Jatahy”.

Jatahy

5 A grafia dos poemas e das obras mencionadas no artigo foi preservada conforme o original.



ANAIS

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Programa de Pós-Graduação em
Língua, Literatura e Interculturalidade

Cláudia
Corá Corálina

 **Universidade
Estadual de Goiás**

08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

E, choro, sim, e suspiro
Por esses campos que amo.
C.A.

Não vês aquella campina,
De flores mil adornada,
Tanta palmeira plantada,
Tanta açucena e bonina?

Ao longe, brancas casinhas,
Não vês o lindo horisonte,
O murmurinho da fonte,
E o canto das avesinhas?

Essa campina alacr'ante
É meu berço idolatrado,
É Jatahy adorado,
Essa terra deslumbrante.

Foi nessa terra querida,
Nessa campina formosa,
Que s'escoou descuidosa,
A infância minha florida.

Nas tardes bellas de Abril,
Eu deslumbrada, dizia:
Quanta belleza e magia,
Neste canto do Brasil!
(JESUS, 2019, p. 29-30)

Em “Jatahy”, oitavo poema da obra *Corôa de Lyrios* (1906), tem-se quanto à forma cinco quadras, com versos de rimas interpoladas e de 7 sílabas. Observa-se que a escolha pela redondilha maior é uma característica que faz um retorno às cantigas medievais, por conta da melodia e da fácil memorização, muito frequente no romantismo.

Com relação à temática, o poema traz, a partir da memória, a infância em Jataí, cidade em que Leodegária de Jesus vivera por um tempo. Ali era o seu berço idolatrado, é onde a poeta vê esvair sua infância como o espaço de liberdade. Observa-se que o eu poético recorda saudosamente de lugares onde passou e de momentos em que era criança.

No poema, Leodegária de Jesus nos apresenta através de uma leitura subjetiva, “a paisagem ou quadros da natureza” (DENÓFRIO, 2019, p. 31). Estão presentes elementos que



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

compõem o cenário e a natureza, como campina, palmeira, açucena, bonina, fonte entre outros. Ela faz essa exposição com uma grande sensibilidade e, de certa forma, com embriaguez perante cenas de belezas naturais, como nos versos “Não vês aquella campina,/ De flores mil adornada,/ Tanta palmeira plantada,/Tanta açucena e bonina?” (JESUS, 2019, p. 29).

Como já dissemos anteriormente, a poeta de *Corôa de Lyrios* sofre tardiamente influências da poética romântica no plano do conteúdo. Então, é admissível que ela expresse sentimentos de comoção nas paisagens que descreve, como na segunda estrofe do poema: “Ao longe, brancas casinhas,/ Não vês o lindo horisonte,/ O murmurinho da fonte,/ E o canto das avesinhas?”

Observa-se que, além da sensibilidade projetada nos versos, somos impelidos a um retorno, promovido pela poeta, através da memória, convidando-nos a compartilhar desse mesmo sentimento. “Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Assim, somos levados, em seus versos, a lembranças vividas pela poeta. O relato de suas experiências é trazido, em um primeiro momento, como testemunho ao qual ela, como sujeito lírico, tem em sua relação consigo mesma, confrontadas por uma visão atual de seu passado. Essas mesmas abrangem uma esfera de diálogo entre a poeta do presente e o trabalho da memória.

Mais adiante, em “não vês o lindo horisonte [...]”, percebemos esse retorno pela memória, através da jovem do presente que se volta para a criança do passado. É o recordar de cenas vividas que constituem espaços emotivos que exteriorizam a subjetividade do sujeito poético, induzindo-nos à associação do eu lírico à Leodegária de Jesus, “em outras palavras, equivaleria a dizer que o sujeito lírico coincide com o sujeito civil” (SIQUEIRA, 2020, p. 63).

Em todo o poema “Jatahy”, em especial nos versos, “não vês aquella campina” e “não vês o lindo horizonte”, marcados pelo uso do verbo na segunda pessoa do singular (vês), há, de certa forma, um chamamento do sujeito poético ao leitor, como copartícipe, a comungar de seus momentos de deleite. Além disso, nota-se a passagem do tempo quando ela coloca-se



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

participante desse processo ao dizer “Que s’escoou descuidosa,/ A infância minha florida”, marcado pelo pronome possessivo “minha”.

As imagens poéticas representadas por “brancas casinhas”, “lindo horisonte”, “murmurinho da fonte” e “canto das avezinhas” remetem-nos, ainda, ao *locus amoenus*, pela provocação que esses quadros naturais causam na poeta, uma sensação de retorno a um “tempo/lugar”, que outrora propiciava sossego e paz, “que é a de ancorar a felicidade em um tempo que já passou ou que ainda há de vir” (SIQUEIRA, 2020, p. 67). Por isso, o retorno à infância é bem marcado no poema.

Pela memória, esses quadros de paisagens esboçados pelo sentimento de subjetividade da poeta exteriorizam a identificação que Leodegária de Jesus tinha com a cidade de Jataí, onde viveu e que muito marcou suas primeiras experiências em tenra idade. Sair daquele lugar causou-lhe muita dor, quando, por motivos alheios a sua vontade, teve que deixar para trás amigos e espaços pelos quais tinha grande afeição.

Assim também acontece no poema “Jatahy”, pode-se considerar que Halbwachs (1990, p. 160) afirma que não existe memória que não sobrevenha sem um contexto espacial: “[...] é justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar passado no presente – mas é exatamente assim que podemos definir a memória [...]”.

Verifica-se também que há um sentimento de saudade da terra natal que provoca, no sujeito poético, a volta (evasão) aos tempos e lugares de infância, como no fragmento que segue: “Foi nessa terra querida,/ Nessa campina formosa,/ Que s’escoou descuidosa,/ A infância minha florida”. Especialmente, no último verso da quarta estrofe – “A infância minha florida”, percebemos esse apego ao passado, expresso nas boas lembranças que a poeta tem daquela fase, em especial, da cidade de Jataí.

Ainda, nessa mesma estrofe, o eu lírico sente-se afetado pelo dissipar tão rápido daquele momento pueril, afirmando que ela [infância] “s’escoou descuidosa”. Relembra-la provoca uma saudade de um momento encantado que viveu em terra goiana. Jataí é descrita como uma cidade de beleza e magia, é a “terra querida”. Em toda a estrofe, bem como no poema, é possível



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

perceber um vínculo de afetividade com o espaço. É semelhante ao que Yi-fu Tuan (1980, p. 5) define como topofilia, ou seja, “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”.

Leodegária de Jesus apresenta “Jatahy” como esse lugar de afetividade, exaltando-o e o engrandecendo, como nos seguintes versos: “É Jatahy adorado,/ Essa terra deslumbrante”. Além disso, sente-se como parte desse espaço, colocando-o como “meu berço idolatrado”, sagrado. E, ainda, continua “Nas tardes bellas de Abril,/ Eu deslumbrada, dizia:/ Quanta belleza e magia,/ Neste canto do Brasil!”.

Nossa poeta transforma as saudades de sua infância e suas experiências pueris, relembrando o espaço onde viveu, em momentos sagrados, que ficaram impressos em sua alma inocente. Para Mircea Eliade (1992, p. 31), “a habitação comporta um aspecto sagrado pelo próprio fato de refletir o Mundo”. Em “Jatahy”, portanto, temos a memória resgatada para reforçar como Leodegária de Jesus reflete a si mesma e ao universo do qual fez parte.

Passemos à análise do poema “Supremo Anhele”, terceiro poema de *Orchideas* (1928), de forma fixa – soneto – ao sabor parnasiano, com versos decassílabos e rimas alternadas nos quartetos.

Supremo Anhele

Voltar a ti, ó terra estremecida,
E ver de novo, á doce luz da aurora,
O valle, a selva, a praia inesquecida,
Onde brincava pequenina outr’ora;

Ver uma vez ainda essa querida
Serra Dourada que minh’alma adora;
E o velho rio, o Cantagallo, a ermida,
Eis o que sonho unicamente agora.

Depois... morrer fitando o sol no poente,
Morrer ouvindo ao desmaiar fagueiro
De tarde estiva o sabiá dolente.

Um leito, efim, bordado de boninas,
Onde dormisse o somno derradeiro,
Sob essas verdes, placidas collinas.
(JESUS, 2019, p. 21)

A partir do título, “Supremo Anhele”, em que entendemos que anelo é um desejo intenso, vislumbramos no poema um querer que não é somente forte, mas que está acima de



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

qualquer coisa, por isso, supremo. Alfredo Bosi (1985, p. 103), em sua obra *História concisa da Literatura Brasileira*, ao referenciar a música de Beethoven, menciona que “infinito anelo” trata-se de “nostalgia do que se crê para sempre perdido, desejo do que se sabe irrealizável”. Assim, pode-se considerar que o poema é a definição de uma vontade intensa, mas que possivelmente não será realizada.

A poeta no referido poema retrata a natureza goiana, suas paisagens e esse desejo intenso (supremo anelo) de voltar à cidade de Goiás. Como se observa, essa vontade está impressa na primeira estrofe do poema, sobretudo, nas expressões “ó terra estremecida” e “á doce luz da aurora”, seguidas de elementos que ilustram a paisagem vislumbrada pelo sujeito poético: “o valle, a selva, a praia inesquecida”. Esses componentes provocam lembranças da meninice, “onde brincava pequenina outr’ora”. Percebe-se que Leodegária de Jesus deixa resquícios no poema de fatos passados, de experiências vividas e lembranças do próprio sujeito lírico. Segundo Benjamim (1994, p. 37), “o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência”.

Na segunda estrofe, o termo “Serra Dourada” reforça o título do poema quanto ao desejo de retorno a esse espaço geográfico-histórico – a cidade de Goiás – e a outros lugares que a compõem. A monumental velha serra, que a poeta canta em outro poema da mesma obra, intitulado “Á velha serra”, que encanta a todos, quando vista e visitada por sua beleza paisagística natural, é motivo de devoção para o sujeito lírico: “Ver uma vez ainda essa querida/ Serra Dourada que minh’alma adora”. Para Yi-Fu Tuan (1980), a apreciação da paisagem relaciona-se a uma atitude pessoal e íntima, que se prolonga através de lembranças ou episódios vivenciados pelo sujeito.

Depois de envolvida por essa paisagem inebriante, nota-se uma confissão, ao sabor dos românticos, primeira geração especificamente, um sentimento ufanista – orgulho, encanto – por essa terra. E, novamente, há um elo de identificação com esse espaço, que no poema personifica-se como um macrocosmo (Cidade de Goiás), constituído por outros espaços menores, verdadeiros microcosmos, como “Serra Dourada”, “o velho rio”, “o Cantagallo” e “a ermida”.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Reforçando essa ideia, Milton Santos (2002, p.103) afirma que "a paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza". Logo, esses espaços constituem para a poeta o realizar de um sonho diante da possibilidade de revê-los novamente, mas que já sabemos, não será possível concretizar, a não ser pela memória.

Na penúltima estrofe de "Supremo Anheleto", o sujeito lírico projeta seus sentimentos de admiração e gozo ao contemplar elementos da natureza, constituintes do cenário espacial já analisado, como "sol no poente", "tarde estiva", "sabiá dolente". Esses componentes são revelados como copartícipes de suas sensações de entrega, de bom grado, à morte, nesse espaço mesclado, ao mesmo tempo, de meiguice e tristeza.

No último terceto, "Um leito, enfim, bordado de boninas,/ Onde dormisse o somno derradeiro,/ Sob essas verdes, placidas collinas", percebemos que, mesmo o eu lírico desejando morrer ao pôr do sol, ouvindo o cantar triste de um sabiá, a natureza mostra-se, ao final do poema, indiferente aos sentimentos ali expressos, que são de tristeza e melancolia, causados pelo distanciamento da poeta da Cidade de Goiás. Essa indiferença da natureza não é um comportamento próprio da estética romântica, aproxima-se muito mais da característica de *locus amoenus* do Arcadismo, por representar o equilíbrio, tranquilidade e paz diante de uma situação conflitante do sujeito poético.

Assim, em "Supremo Anheleto", há esse desejo de retornar à cidade que muito marcou sua vida, em especial, no início da infância em que brincava/passeava nos rios e praias, observando as serras. Nota-se que pela busca do passado através da rememoração, estão presentes elementos marcantes de um espaço e uma época, que a poeta não tem como voltar mais fisicamente, esse retorno somente é possível pelo que está inscrito/marcado em sua memória.

É possível, portanto, percebermos nos poemas analisados, "Jatahy" e "Supremo Anheleto" que, por meio da memória, Leodegária de Jesus faz uma volta aos espaços em que outrora vivera – nas cidades de Jataí e Goiás – em partes de sua infância e adolescência. E esse processo de rememoração é visível quando é retratado o sentimento de retorno a esses lugares,



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

especialmente, marcados pela fase pueril. Por isso, memória, espaços e infância podem ser analisados em conjunto nesses poemas, como tentamos demonstrar neste artigo.

Considerações finais

Ao cabo desse trabalho, em que fizemos um breve mergulho na vida, obra e memória de Leodegária de Jesus, constatamos, ao analisar os poemas “Jatahy” e “Supremo Anhelos”, elementos relacionados ao espaço e à infância que nos obrigam, através da rememoração, compartilhar com a poeta seus sentimentos em relação aos espaços em que viveu, as lembranças de sua infância, seu apego à natureza e aos lugares.

Percebeu-se que a poeta confessa, por meio de um sujeito lírico, suas dores, angústias e alegrias vividas e experienciadas nas suas trajetórias de quando, com sua família, fez várias mudanças, alheias a sua vontade, mas provocadas pela função que seu pai ocupava na época no meio político do qual participava. Isso foi motivação para uma escrita voltada ao retrato de um passado, a um apego a suas reminiscências.

Por isso, que estão presentes nos poemas analisados, além das alegrias vividas na infância, quando morou em Jataí, cidade do Estado de Goiás, também os sofrimentos causados pelo fato de ter que se mudar para outro lugar – Vila Boa (Cidade de Goiás), velha capital do Estado – onde passou por novos prazeres e, principalmente, amarguras advindas de um relacionamento amoroso impossível.

Enfim, todos esses acontecimentos possibilitaram à poeta Passarinho exteriorizar, através do eu poético, sentimentos de gozo e dor que marcaram sua existência, sobretudo, nas fases de infância e adolescência, que ficaram impressos em seus dois livros, *Corôa de Lyrios* (1906) e *Orchideas* (1928), sofrendo fortes influências das estéticas românticas, parnasianas e simbolistas.

Assim, foi possível verificar que Leodegária de Jesus, primeira mulher a escrever e publicar poesia em Goiás, deixou seu legado nas letras goianas, em um tempo que tal façanha era permitida, especialmente, aos homens. Portanto, nossa Passarinho conquistou seu espaço, dando a ela um lugar expressivo entre as coras, damianas, conceições, firminas, carolinas... na terra dos goyazes.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Referências

- BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- DENÓFRIO, Darcy França (org). **Lavra dos goiases III**: Leodegária de Jesus. Goiânia: Cânone Editorial; Livraria Leodegária, 2019.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes: 1992.
- FRANÇA, Basileu Toledo. **Velhas Escolas**. Goiânia: Ed. UFG, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent León Shaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- JESUS, Leodegária de. **Lavra dos goiases III**: Leodegária de Jesus. Goiânia: Cânone Editorial; Livraria Leodegária, 2019.
- PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**: através de textos comentados. 8 ed. São Paulo: Ática, 1984.
- REZENDE, Tânia Ferreira. A semiótica dos corpos na literatura goiana: o corpo negro de Leodegária de Jesus. **Revista Plurais – Virtual**, Anápolis-Go, vol. 8, n. 1, jan./abr. 2018.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.
- SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. No cálix perfumado das violetas. In: JESUS, Leodegária de. **Coroa de lírios**: versos. Cidade de Goiás-Go: Leodegária publicações; Trilhas urbanas, 2020.
- TELES, Gilberto Mendonça. **A poesia em Goiás**; estudo/antologia. 2 ed. rev. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1983.
- TUAN, Yi Fu. **Topofilia** – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.